

Centro de Artes
UFES



V SEMINÁRIO DE
COMUNICAÇÃO E
TERRITORIALIDADES
Comunicação, Democracia
e Direitos Humanos

25 e 26
de novembro

Territorialidades Sonoras do Campus Universitário de Goiabeiras

Constantino Gabriel Buteri Neto

Aluno de pós-graduação em
Comunicação e Territorialidades (PÓSCOM)
Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes.
Email: cgbuteri@gmail.com

Viviana Mônica Vermes

Professora Associada nos programas de
pós-graduação em Letras (PPGL) e em Comunicação e
Territorialidades (PÓSCOM) da Universidade Federal do Espírito
Santo – Ufes.
Email: mvermes@gmail.com

Resumo

Reconhecendo a importância do papel dos sons nas interações presenciais, este estudo propõe o registro sonoro, e posterior análise, de um percurso entre locais de considerável circulação de pessoas no Campus Universitário de Goiabeiras, um entre quatro campi que compõem a Universidade Federal do Espírito Santo. Explorando a conexão entre os sons e as práticas e modos de ser, considerando a produção de sons musicais e não musicais como características humanas fundamentais e presentes nas ocupações diárias do cotidiano, busca-se uma melhor compreensão sobre este espaço público que aciona noções territoriais diversas e entrelaçadas.

Palavras-chave: Campus Universitário. Espaço Público. Sonoridades.

Introdução

Fundada em 1954, a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) possui quatro campi universitários – nos bairros Goiabeiras e Maruípe, na capital; e nos municípios de Alegre e São Mateus, no sul e norte capixaba respectivamente. O que moveu a princípio nosso olhar para a circulação pessoas e ocupações informais no Campus Goiabeiras foi a diminuição no número de eventos festivos, em comparação com sua ocorrência há cerca de vinte anos. Enquanto “evento festivo”, para a pesquisa, consideramos em as festas com música ao vivo ou DJs,



rodas de violão e instalações sonoras.

Essa curiosidade inicial se justifica na constatação que estes eventos produziam um afluxo considerável de pessoas para dentro do campus, simultaneamente ao surgimento de bandas e instalações sonoras dentro da Ufes, formadas parcialmente ou totalmente por alunos. Parte desta curiosidade se refere à experiência de ouvir música ao vivo no Campus Goiabeiras, ao ar livre, nos palcos montados em diversos locais, tendas e Centros Modulares Universitários (CEMUNI). Nesse contexto, esses eventos propiciaram locais importantes para o desenvolvimento musical na cidade de Vitória, favorecendo encontros e troca de informações e fazendo dessas sonoridades uma marca distintiva do Campus para a cidade de Vitória.

Queremos ressaltar sobre o campus universitário o seu papel como espaço público, em sentido mais estrito na forma de uma esfera pública, não o esgotando ao espaço físico, e o reconhecendo como local de conflitos. (CARRIÓN, 2008).

Visamos, para a realização deste estudo, superar as três noções dominantes de território apontadas por Carrión: urbanista, jurídica e filosófica, em favor do que ele denominou de “dupla consideração inter-relacionada”, considerando o espaço público na sua condição urbana e sua qualidade histórica, e portanto mutável. (CARRIÓN, 2008).

Assim entendido o espaço público ecoa a proposta de Rogério Haesbaert por uma perspectiva integradora de território, que também o considera “...de forma indissociável em, uma dimensão simbólico cultural em sentido estrito, e uma dimensão material, de natureza predominantemente econômico jurídica”, ainda que Carrión não faça uso explícito da terminologia territorial discutida por Haesbaert. (HAESBAERT, 2004)

A dimensão territorial simbólica, em Carrión, se encontra na concepção urbanista de espaço público, como o espaço “que sobra” do privado, mas também que o viabiliza através das interligações e sinalizações que produz, permitindo encontros, pontos de comércio, serviços diversos e troca de informações.

A partir desta bibliografia e à luz de cinco entrevistas preliminares, de



caráter informativo, é possível uma melhor compreensão sobre o território do Campus Goiabeiras, em especial nas festas, onde estes aspectos territoriais encontram-se interligados.

Com relação ao aspecto jurídico eram muitas vezes irregulares, burlando a instituição em questões como venda de bebidas alcoólicas, por exemplo (sic. Alessandro Bayer). Algumas vezes aconteciam ao total desconhecimento da instituição, como sugerem algumas matérias da mídia eletrônica (BAPTISTA, 2012). Uns, portanto, na borda das normas e outros totalmente afastados da própria função da instituição, como no caso de produções realizadas por profissionais, como o show do Cidade Negra em março de 2001, que foi protocolado com todas as características de uma festa organizada por estudantes (Jornal do DCE n2 – maio de 2001).

Para os participantes, músicos e organizadores, o Campus Goiabeiras é descrito com um lugar de expressão e experimentação, de convivência e troca de informações entre membros e não membros formais da instituição, estanhos e frequentadores, uma forma de conhecer o Campus Goiabeiras. (sic. Luciano Cardoso).

As festas no Campus Goiabeiras, após 2008 quando é publicada a Resolução 26/2008 do Conselho Universitário, tornam-se um fenômeno mais mapeado, mas continuam acontecendo até 2016, segundo a mídia eletrônica (SILVA, 2016), por vezes sem o conhecimento da instituição.

Atualmente o Campus Goiabeiras possui uma vigilância mais sofisticada, um regulamento sobre eventos e um órgão centralizador das autorizações de eventos, o Departamento de Segurança e Logística (DSL), antigo Departamento de Serviços Gerais (DSG). As festas foram controladas pela ação de fatores diversos, dos quais poderíamos citar, além das ações na área de vigilância, a repercussão na mídia de episódios violentos no campus, um processo do Ministério Público Federal sobre desvio de finalidade e uma campanha de conscientização da Pro-Reitoria de Graduação (Prograd), direcionada a novos alunos, no sentido de se fazer cumprir o regulamento sobre eventos.

Nos intriga, de certa forma, que nas condições atuais algumas festas e



outras ocupações informais e temporárias, ainda aconteçam em 2019, e nos leva a indagar como estas são organizadas e como se comunicam seus atores em prol de sua realização.

Metodologia

Reconhecendo a importância das sonoridades nas interações presenciais, propomos o registro sonoro, com posterior análise, de um percurso entre locais de circulação do Campus Goiabeiras. Recorreremos ao conceito de paisagem sonora de Murray Schafer, considerando alguns apontamentos de J. Martin Daughtry, que revê o significado negativo a priori do ruído, o que caracteriza a concepção original de Schafer, e explicita uma concepção territorial integradora presente no conceito paisagem sonora. Ao subcategorizar a paisagem sonora em “regimes auditivos, campanhas sônicas e territórios acústicos” (DAUGHTRY, 2015) são acionados e integrados diversos aspectos territoriais, jurídico-político, urbano e simbólico, na tentativa de compreensão de um território que comporta conflitos, evidenciados pela forma como produzem suas sonoridades.

Referências

ALVES DA SILVA, R. H.; FONSECA, C. G. DA; FRANCO, J. DE O. R.; MARRA, P.

S.; GONZAGA, M. M. **Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano:**

cartografias flutuantes no tempo e espaço. E-Compós, v. 11, n. 1, 11 dez. 2008.

CARRIÓN, Fernando. **Espacio público:** punto de partida para la alteridad. In: Espacios públicos y construcción social. Hacia un ejercicio de ciudadanía (p.79-97) Olga Segovia (Ed.). Santiago de Chile: Ediciones SUR. 2008.

DAUGHTRY, Martin. **Listen to the war:** Sound, music, trauma and survival in wartime Iraq. New York: Oxford University, 2015.

GARCIA, Luis Henrique Assis; MARRA, Pedro Silva. **Praças polifônicas:** o som e

Centro de Artes
UFES



V SEMINÁRIO DE
COMUNICAÇÃO E
TERRITORIALIDADES
Comunicação, Democracia
e Direitos Humanos

25 e 26
de novembro

a música popular como tecnologias de comunicação no espaço urbano. Revista Famecos – Mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 1-24, jan./abr. 2004.
HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 016. 2004.

REGUILLO, Rossana. **La clandestina centralidade de la vida cotidiana**. In: La vida cotidiana y su espacio-temporalidad. VILLORIA, Alicia L. (coord.). El Colegio Mexiquense, A.C. : Anthropos, 2000.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: UNESP, 2001.